

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Journal do Brasil

CLASS. : Garimpo 51

DATA : 1 2 92

PG. : 5

Rezek afirma que relações com Caracas se desgastaram

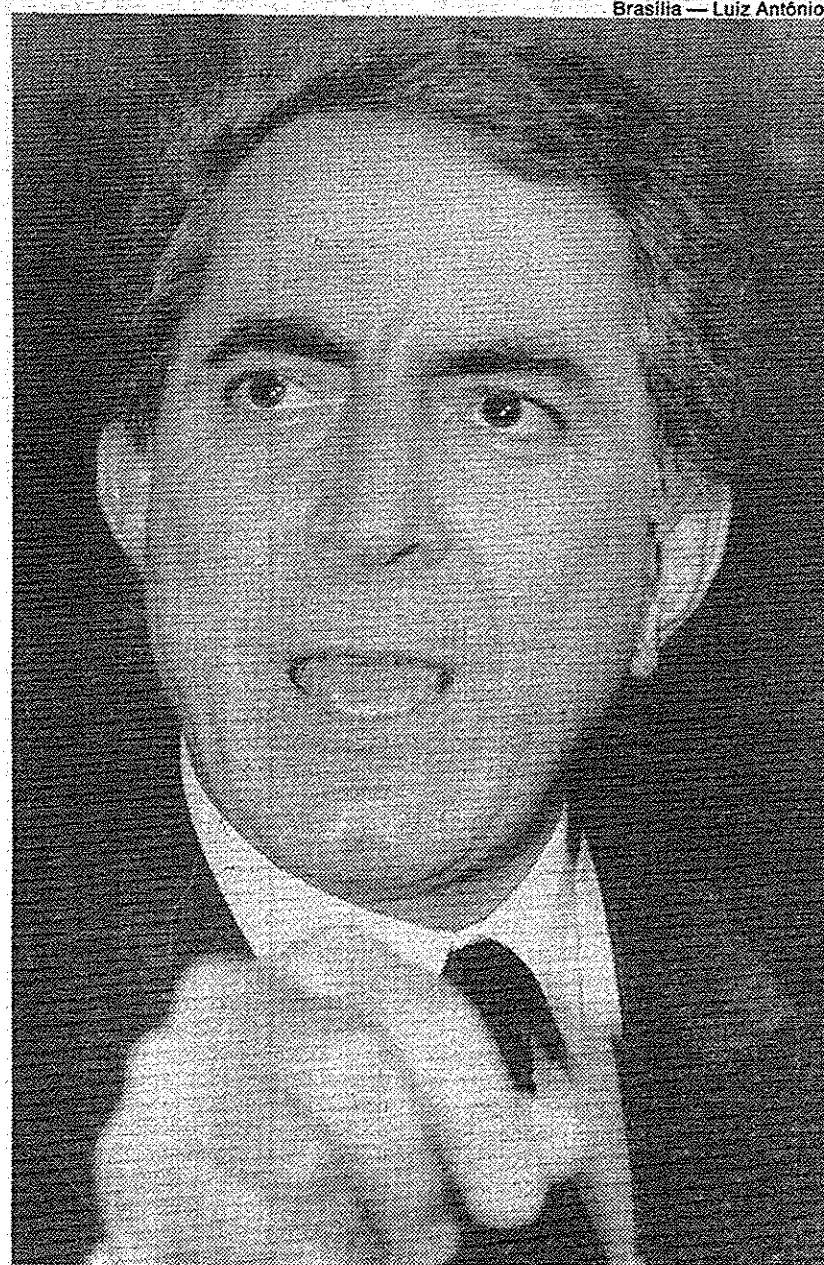
BRASÍLIA — O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, reconheceu ontem que houve uma perda de qualidade nas relações políticas com a Venezuela e que existe, no mínimo, um mal estar, depois das declarações do presidente Andrés Pérez admitindo a derrubada do avião brasileiro, no dia 16. Segundo o chanceler, foi "desnecessária a ação dos agentes de nível mais baixo do governo venezuelano", que resultou em duas mortes.

Esta foi a primeira vez que o governo tomou uma posição mais firme neste episódio. Rezek chegou ontem pela manhã de uma viagem de 10 dias aos Estados Unidos, Marrocos e Tunísia, e, depois de despachar com o presidente Fernando Collor deu declarações condenando a derrubada do Cessna pela Guarda Nacional da Venezuela. "A reação dos agentes da Venezuela foi desproporcional à gravidade dos fatos e destoia das ações normais daquele governo", disse o ministro, recomendando que os militares venezuelanos se mirem nos militares brasileiros.

Ontem, um Búfalo da Força Aérea Brasileira (FAB) decolou de Manaus para Puerto Ayacucho levando sete passageiros, entre eles o médico legista Fortunato Palhares, que presta serviços à Polícia Federal e atuou nos casos do seringueiro Chico Mendes e do carrasco nazista Josef Mengele. O governo brasileiro quer abreviar ao máximo o tempo para o traslado dos corpos do piloto José Xavier de Mendonça e do garimpeiro Moisés Ferreira, que depende do despacho da juíza Nilda Aguilera. O avião está a disposição para transportar até Forte Parima B, onde está enterrado o piloto, as testemunhas necessárias para a exumação.

Se for confirmada a execução sumária do piloto e do garimpeiro, o ato é considerado crime comum tendo como consequência processo penal e as penas previstas no país em que ocorre. "Essa seria a hipótese mais amarga", declarou o ministro Francisco Rezek. O governo brasileiro espera a chegada dos corpos para ter informações completas.

Avião — Rezek lembrou que a ação dos garimpeiros, apesar de ilícita e ilegal, era familiar aos militares venezuelanos e, por isso, não se justifica alvejar uma aeronave cujo objetivo — levar mantimentos — era co-



Brasília — Luiz Antônio

Rezek voltou de viagem e criticou reação desproporcional

nhecido. "Todo sistema de defesa aéreo distingue o agressor em potencial", ponderou. As diversas versões sobre a queda do avião, apresentadas no início pela Venezuela foram desautorizadas, o que demonstrou a intenção de esconder os fatos verdadeiros.

Como o clima na área limítrofe é de tensão, com a denúncia de aviões venezuelanos sobrevoando o território brasileiro e de bombas sendo jogadas na fronteira, o secretário de Política Exterior, Marcos Azambuja, pediu ontem à ministra-interina do Exterior, Rosário Orellana, para cessar as explosões. Para Rezek é aconselhável que Brasil e Venezuela evi-

tem a presença de aeronaves e tropas militares como forma de auxiliar na resolução do problema da garimpagem naquele país.

Rezek criticou duramente o garimpo ilegal na Venezuela, atividade que movimenta milhões de dólares, e disse que há disposição do governo brasileiro de retirar de lá os 3.000 garimpeiros. Porém, é necessário que eles mesmos desejem sair, uma vez que trata-se de outra jurisdição e o governo não pode trazê-los à força. Ontem o delegado nacional da União dos Garimpeiros, José Altino, denunciou que chega a 60 o número de brasileiros presos em Santa Helena, na Venezuela.

José Altino se irrita com o governo

BRASÍLIA — Irritado com as críticas sobre a atuação dos garimpeiros na fronteira do Brasil com a Venezuela, o delegado da União Nacional dos Garimpeiros, José Altino, não poupou nem o presidente Fernando Collor. Acusando-o de ter se esquecido dos garimpeiros que lhe deram votos na eleição de 1989, José Altino também criticou a atuação do delegado Romeu Tuma e do embaixador da Venezuela, Sebastian Alegrtt.

Altino ficou indignado com o anúncio feito por Romeu Tuma na tarde de quinta-feira de que a Polícia Federal iniciaria investi-

gações sobre o envolvimento de lideranças de garimpeiros na invasão do território venezuelano. "Porque eles não fazem o mesmo com os dentistas que vão para Portugal ou os travestis que vão para a França", indagou Altino, para quem as investigações vão acabar ajudando a separar "o joio do trigo" e esclarecer o porquê das invasões ilegais à Venezuela. Segundo o delegado, o governo federal não deu nenhuma opção para os garimpeiros quando fechou os garimpos em Roraima.

Ele também não gostou das declarações do embaixador vene-

zuelano de que a União Nacional dos Garimpeiros tem ligações com o narcotráfico. Desqualificando profissionalmente Alegrtt, José Altino fez questão de dizer que o diplomata não soube se portar diante do episódio da queda do avião brasileiro em território venezuelano. "O embaixador não se preparou direito e não soube esconder a verdade sobre o crime sem mentir", afirmou Altino. De acordo com ele, o governo venezuelano não tem motivos para acusar os garimpeiros de devastar o meio ambiente; uma vez que muitos estão na área há tempos. "Eles só pensam em ecologia quando interessa", afirmou.

Piloto se desviou da rota

BELÉM — O piloto José Xavier de Mendonça, que teria sido executado a tiros por soldados da Guarda Nacional venezuelana após a queda do avião Cessna C-206 na fronteira do Brasil com a Venezuela, mentiu para a torre de comando do aeroporto de Boa Vista, ao informar que seu plano de voo previa uma viagem de Boa Vista a Caracará. Xavier de Mendonça, na realidade, teria desviado a rota para fazer arremessos de carga — gêneros alimentícios — para os mais de 1.500 garimpeiros brasileiros que atuam próximo à pista Sadam Hussein, em território da Venezuela.

"O mistério que falta ser revelado é onde o piloto apanhou os garimpeiros que estavam na aeronave no momento em que ela foi abatida pelo helicóptero venezuelano", diz o secretário de Mineração de Roraima, o empresário Elton Ronelht. Em vôos para arremessos de carga, o piloto viaja em companhia de apenas uma pessoa e, no momento em que foi abatido a tiros de metralhadora, cinco pessoas estavam a bordo. O mais provável, segundo Elton Ronelht, é que o piloto tenha arremessado as cargas e, posteriormente, apanhado os garimpeiros.

"A Guarda Nacional já havia avisado dezenas de vezes que não permitiria que aeronaves brasileiras invadissem o espaço aéreo venezuelano", lembrou Elton Ronelht. "A gente abomina e condena a derrubada do

avião, mas eu pergunto qual seria a atitude do Exército brasileiro se os venezuelanos invadissem o território brasileiro para tirar nosso ouro", acrescentou. Segundo Elton Ronelht, proprietário de uma empresa de mineração em Roraima, "poucos pilotos de garimpo ainda se arriscavam a invadir o espaço aéreo da Venezuela pois sabiam o risco que correriam".

"Foi um acidente de percurso", minimizou Ronelht, ressaltando que as denúncias de massacre do piloto Xavier de Mendonça e do garimpeiro Moisés da Silva Ferreira vêm criando um clima de animosidade na fronteira. "Estão querendo criar um conflito na fronteira que não existe", acusou Ronelht, dizendo acreditar que o Exército venezuelano tenha comunicado ao Comando Militar da Amazônia (CMA) a movimentação de tropas venezuelanas na fronteira à época do incidente. "Sempre que há movimentos de tropas na fronteira há comunicação entre os comandos militares", assegurou.

Ronelht minimizou também o episódio em que quatro aviões Pilatos C-7, da Venezuela, invadiram o espaço aéreo brasileiro próximo ao posto indígena da Funai na área Catrimãni II. "Esse posto fica a poucos quilômetros da fronteira e os pilotos da Venezuela — que não devem conhecer bem a área, que é de fronteira seca, sem acidentes geográficos — devem ter confundido os marcos geodésicos", emendou.

Falta de verbas pára demarcação

BELÉM — Os trabalhos de demarcação da fronteira do Brasil com a Venezuela estão paralisados desde dezembro passado por falta de verba. A demarcação vinha sendo executada em conjunto pela Comissão Demarcadora de Limites (CDL) do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e por técnicos da Comissão Demarcadora da Venezuela, com apoio de especialistas da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), sediado em São José dos Campos (SP), que fornece imagens do satélite Landsat para a fixação de marcos geodésicos na fronteira.

Grande parte da fronteira entre Brasil e Venezuela, principalmente na Serra Parima, não tem acidentes geográficos — rios e igarapés, principalmente —, o que vem dificultando os trabalhos da comissão. "Somente as áreas Parima I e Parima II já foram integralmente demarcadas", anuncia o secretário de Mineração de Roraima, Elton Ronelht. Os novos marcos demarcatórios darão à Venezuela parte do território que era considerado brasileiro na Serra Parima e o Brasil ganha territórios na Serra Pacaraima.

Estima-se que pelo menos dois mil brasileiros atuem em garimpagem em terras da Venezuela. A maioria foi expulsa das áreas indígenas ianomânis pela Operação Ianomâni deflagrada no ano passado.